



OS INDEPENDENTES NO CENTRO DE RECIFE

José Eduardo Martins de Barros Melo (Universidade Federal de Rondônia)

Resumo: Este estudo tem por objetivo traçar a trajetória histórica do Movimento dos escritores Independentes de Pernambuco nos anos 80 e parte da produção poética do grupo que deu origem ao Movimento. Neste sentido o artigo resgata os principais eventos realizados pelos independentes e sua forma de organização. Procura restaurar na memória da história literária de Pernambuco a produção dos recitais, da ocupação das ruas do Recife, das feiras de livros, dos debates e os principais personagens destes eventos, chamando a atenção para a importância de sua produção literária que ora se fazia de forma individual e ora de forma coletiva, com sobreposição desta última.

Palavras-chave: História, Escritores independentes, Poesia.

I. Origem do Movimento

A origem do Movimento dos escritores independentes está intimamente relacionada com os meios acadêmicos, mais precisamente com o I ENEL (Encontro Nacional de Estudantes de Letras) realizado em Salvador, no estado da Bahia, em 1980, onde ocorreu uma reunião de escritores inicialmente denominados de “Escritores novos” e de onde surgiu a decisão de se realizar encontros estaduais para amadurecer as decisões tomadas com o fito de se levar as teses levantadas nestes eventos para o II ENEL, em Vitória, no estado do Espírito Santo, em 1981. Este segundo evento contou com a participação de aproximadamente 16 estados da federação. Nesta segunda reunião os “Escritores novos” deliberaram pela nomenclatura de “Movimento de escritores independentes” e retornaram aos seus estados novamente com a atribuição de promover eventos locais e discutir uma definição para os “Independentes” visto que o termo já fora mencionado por alguns historiadores da literatura em relação a alguns casos isolados de autores de outros séculos e de outras gerações, caso de Bocage e Manuel Bandeira, entre outros.



II. Os encontros

Pernambuco realizou dois destes eventos na instituição Fundação Casa das crianças de Olinda, celeiro de poetas populares, cordelistas e emboladores, e foi de suas deliberações em âmbito estadual, por meio de sua “Carta de Pernambuco” que os independentes chegaram aos seguintes tópicos de definição no I Encontro Nacional de Escritores Independentes que reunira, como diz a poeta Fátima Ferreira, desde “poetas populares, vanguardistas e anarquistas, até os mais tradicionalistas dos autores”:

- a. independência ante a sociedade opressiva e seus valores pré-estabelecidos;
- b. independência ante o governo, órgãos estatais e empresas editoriais, não aceitando interferências a respeito do conteúdo e da forma de suas criações teóricas ou literárias;
- c. independência ante pressões vindas do meio intelectual ou político no sentido de impor, padronizar ou restringir temas e formas (livre expressão dos momentos do escritor, que só a sua sensibilidade cabe determinar).
- d. independência de cada escritor nos seus posicionamentos filosóficos, teóricos, políticos-ideológicos, nas suas opções por correntes e movimentos literários, em tudo que diz respeito à editoração, divulgação e distribuição dos seus livros.
- e. independência ante todos os modelos culturais alienígenas à cultura brasileira.

III. Os Independentes de Pernambuco

Como se pode perceber, os Independentes não definiram em sua “carta de princípios” nenhum novo cânone de motivação estética, na verdade a ausência de um cânone é o que caracterizava a produção do Movimento. O aspecto anárquico se consolida nas posições politico-filosóficas e, principalmente estéticas, é quase uma antecipação do que mais tarde nos diria R. Reis sobre este elemento norteador presente em quase todas as literaturas, delimitando a validade da produção artística, em nome de um aparelho do estado, porque neste caso “o discurso da alta cultura tem, o mais das vezes, estado a serviço do poder e do Estado” (1992, p.69), emitindo e conservando a relação entre qualidade de texto artístico e a ideologia das elites intelectuais. Por isto “a carta de princípios” do movimento é longa e extensa, mas assume, principalmente, um



caráter ideológico libertário da arte em relação à crítica. Talvez, por isso mesmo, além de outros fatores, a crítica tenha ignorado a produção poética do período, com raríssimas exceções e, principalmente por isso, também a afirmação de que entre os independentes é possível encontrar desde o mais fervoroso vanguardista ao mais conservador dos escritores. Em Recife, encontramos juntos desde os poetas populares (repentistas e emboladores) de onde os Independentes herdaram a caracterização de movimento de rua, até um sonetista mais recluso e de gabinete como Cícero Melo, não obstante, como em todo o movimento, apenas uma meia dúzia assumisse as rédeas das atividades desenvolvidas pelo Movimento, entre eles, Francisco Espinhara, Cida Pedrosa, Eduardo Martins, Héctor Pellizzi e Fátima Ferreira, que organizavam e executavam os projetos de editoração e divulgação da produção da época. Estes formaram o “grupo embrionário do Movimento” aos quais se juntaram, entre muitos outros cujos registros ainda não se conseguiu documentar :Amara Lúcia, Marcelo Mário Melo, Maria Celeste, Samuca Santos, Geni Vieira, Romana, Caesar Sobreira, Lenilda Andrade, Jorge Lopes, Don Antônio, Luis Carlos Monteiro, França, Erickson Luna, Azimar Rocha, Raimundo de Moraes, Valmir Jordão, Celso Mesquita, Wilson Freire, Jailson Marroquim, Joaquim Cezário de Mello, Inaldo Cavalcanti, Cícero Melo, Jayme Benvenuto Júnior, Sérgio Lima e Silva, Lara, Pedro do Amaral Costa, Adelmo Vasconcelos, Wadson de Paula, Dôra Gusmão, Juhareiz Correya, Dione Barreto, Claudionor Loyola, Manuzé, Ricardo Antunes, Tales Ribeiro, Josualdo Menezes, Mônica Franco, Avanilton Aguilar, Sérgio Lima e Silva, Wilson Mota (Miltinho), Jorge Verdi, Marcílio Medeiros e Cícero Belmar que viam na irreverência dos Independentes e em seu poder de mobilização uma nova postura diante da produção literária. Visualizaram ainda nesta nova postura, o renascer das ruas do centro do Recife naquilo que lhes é mais marcante: a efusão lírica, já que àquela época, além de ostentarem belos nomes, as ruas eram símbolos da resistência ao odor de urina, dos restos de frutas e da miséria no chão que passou a se confundir com a beleza do Capibaribe e, consequentemente, da cidade. Os primeiros eventos se deram na Livraria Reler, com o apoio do professor e “sebeiro sabido” Pedro Américo de Farias, um dos poucos simpatizantes às idéias do Movimento em seu início. Aliás, Flor Pedrosa e Pedro Américo de Farias acompanharam alguns dos Independentes antes mesmo do



movimento se definir enquanto tal, apoiando e fazendo editar no colégio secundarista 2001 o caderno de poesia intitulado *Momento Poético* em que aparecem publicados os primeiros poemas de Eduardo Martins, Cida Pedrosa, Lydia Barros, Raimundo de Moraes, entre outros.

IV. Os Independentes no centro de Recife

Após estes eventos começaram os “recitais de rua” nas pontes, na Praça da Roda (também conhecida como Praça do Sebo) e em frente às Lojas Americanas, na Rua Sete de Setembro, todos os sábados pela manhã, momento em que os poetas tomavam as ruas do centro da cidade e ocupavam os hidrantes fazendo jorrar a poesia. Eram muitos os eventos, e mesmo a mídia indiferente e mesquinha de Pernambuco não conseguiu mais silenciar: OS INDEPENDENTES CHEGARAM!!! Chegaram e alteraram completamente o cenário literário do bem comportado Recife dos anos oitenta, mas o preço seria alto, muito alto para a geração. Avaliações precipitadas por parte da “crítica” comprometeram o conhecimento da completa produção literária da época, embora alguns formadores de opinião como César Leal (*Caderno Viver-DP*), Lucila Nogueira (*Geração 65/UFPE*), Ângelo Monteiro (*Geração 65/UFPE*), Marco Camarotti (UFRPE), Paulo Azevedo Chaves (*POLIEDRO-DP*) e o maior incentivador dos Independentes, o poeta *Alberto da Cunha Melo* contestassem estas “avaliações” precipitadas, realizadas por muitos antes mesmo da leitura da produção em questão, um preconceito gratuito que os jovens sofreram acompanhado de toda espécie de desconfiança e discriminação sem sentido por parte dos detentores do poder cultural oligárquico do Estado. No entanto, os Independentes continuaram e invadiram os meios acadêmicos, levaram a produção pernambucana para as universidades e para as escolas. A FAFIRE (Faculdade de Filosofia do Recife) foi palco de vários eventos dos Independentes, também a UFPE e a UNICAP (Universidade Católica). Os bares, as portas de cinemas e os teatros já não conseguiam mais ignorar a presença dos escritores. Eles estavam em todos os cantos e recantos, mas centralizavam na Praça do Sebo, na Rua da Roda, seus lançamentos coletivos e, na Síntese, na Rua do Riachuelo, com o apoio e a generosidade da livreira Sueli, seus lançamentos individuais. Se a Livro 7 foi



essencial para a consolidação da “Geração 65” de poetas pernambucanos e não deixou de ter sua importância para os Independentes, a Síntese, a Praça do Sebo, o Beco da Fome e a frente das Lojas Americanas na Rua Sete de Setembro (cujo gerente fazia jogar sobre os poetas baldes e mais baldes de água com o intuito de parar os eventos literários aos sábados) foram o eixo da identidade e da cidadania literária dos Escritores Independentes junto com as ruas do centro da cidade. Aí o Movimento chegou a lançar 29 livros em um só ano, e fez circular mais de 10 jornais nanicos, entre eles o *Americanto*, o *Lítero-Pessimista*, o *Contágil*, o *Mandacaru*, *Cochicho*, o *Poética*, o *Cântaro* e o *Poemar*, que se tornaram mais conhecidos em virtude de uma participação mais ativa de seus editores.

Se os jornais e os livros eram importantes para a consolidação dos espaços e da produção artística do Movimento, outras frentes foram organizadas no sentido de abrir trincheiras para a “batalha pelo poema” que os poetas travavam diariamente e que se tornou um dos folhetos lançados em conjunto por Eduardo Martins, Francisco Espinhara e Pedro do Amaral. Entre estas atividades destacam-se: feiras de livros, varais, exposições de pôsteres-poemas ilustrados, recitais, chuva de poesia, *happenings* e performances que tomam conta do centro histórico e revitalizam não seus esqueletos de concreto, mas a essência transubstanciadora da cidade. Uma real apologia ao que de mais singelo e cristalino representa a cultura recifense: o lirismo.

Uma verdadeira embolia de muita coisa que parecia morta em nossa cultura ressurgiu com força e magia pelas mãos e pela voz da juventude em espaços gerados com apoio dos que souberam recepcioná-los, entre eles: Sueli, da Síntese, que teve por diversas vezes a frente e adjacências do estabelecimento ocupadas pelos Independentes em lançamentos, recitais e exposições de poemas, além de outros que foram conquistados de assalto pelo Movimento, como a “Rua da Roda”. Neste período, Alberto da Cunha Melo ressalta, em sua coluna, no *Jornal do Commercio*, a importância do trabalho do Movimento no que diz respeito ao resgate da oralidade da nossa poesia. Tal traço artístico vem da tradição das raízes populares tão próximas do Grupo nos eventos que se seguiram na Fundação Casa das Crianças de Olinda: os repentistas e os emboladores.



V. Ascensão e dispersão

O Movimento dos Independentes cresceu vertiginosamente, a despeito do preconceito e da ignorância de quem chegava a duvidar de sua existência enquanto Movimento. Incorporou outras artes como a música, a pintura e a charge. Abriu novos leques de interação, mas com a mesma velocidade com que cresceu o Movimento sucumbiu, após a dissolução do grupo embrionário, por volta de 1987, com a saída de Eduardo e Espinhara para Rondônia, Cida para o interior de Pernambuco, Héctor para o Maranhão e o afastamento de Fátima das rodas literárias da época. Como todo movimento destituído de seu referencial de organização mínima e possuindo muitos adeptos de ocasião, os Independentes viram inúmeros de seus sonhos se atolarem na imensidão dos mangues do Recife e assistiram caroneiros e oportunistas de plantão se vangloriarem de uma pseudo participação no Movimento que muitos viram inicialmente com ironia, mas posteriormente, quando a cidade parecia já ter assimilado sua existência e seus rompantes, obtinham referências positivas dos meios acadêmicos e da mídia, prestando depoimentos como partícipes ou incluindo-se numa história que não lhes pertencia. Por isso e por muito mais que isso, acreditando que o mundo dá suas voltas e que é necessário retomar o passado em suas águas mansas, resolvemos insistir neste resgate, porque as águas passadas, ao contrário do que muitos pensam, só movem moinhos, intermináveis e ininterruptos, profundos e ágeis como estes ventos que nos sopram os ares da história a renovar e reler esses tempos de “juventude e fé”.

Referências

Livros dos autores Independentes de Pernambuco

ESPINHARA, Francisco. **Vida Transparente**. Recife: Edição independente, 1981.

_____. **Das trevas coração**. Recife: Edição independente, 1981.

_____. **Dose dupla**. Recife: Edição independente, 1994.

_____. **Movimento dos escritores independentes**. Recife: Editora Universitária, 2000.



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

- _____. **Sangue ruim.** Recife: Edição independente, 2005.
- _____. **Claros desígnios.** Recife: Edição independente, 1986.
- _____. **Teje preso seu rapaz.** Recife, edição do autor, 2007.
- FERREIRA, Fátima. **Decomposição.** Recife: Edições Bandavuô, 1981.
- _____. **Dedetização dia de festa.** Recife: Edição independente, 1981.
- _____. **Asas de sangue.** Recife, Edição independente, 1982.
- _____. **Constituição dos gestos.** Edição independente, 1982.
- MARTINS, Eduardo e PEDROSA, Cida. **Restos do fim.** Recife: Edição independente, 1982.
- MARTINS, Eduardo. **Nu.** Recife: Edição independente, 1981.
- _____. **Restim.** Recife: Edição do autor, 1984.
- _____. **Eczema no lírico.** Recife: Edição independente, 1985.
- _____. **Procissão da palavra.** Recife: Edição do autor, 1986.
- _____. **Bandeira: uma poética de múltiplos espaços.** Porto Velho, 2003.
- _____. **O lado aberto.** Porto Velho: Edufro, 2004.
- _____. **Alberto da Cunha Melo: a palavra solidária:** Edição do autor, 2008.
- MONTEIRO, Luiz Carlos. **Na solidão do neon.** Recife: Edições pirata, 1983.
- _____. **Vigílias.** Recife. FUNDARPE, 1990.
- _____. **O impossível dizer e outros poemas.** Recife: Edições Bagaço, 2005.
- PEDROSA, Cida e Martins, Eduardo. **Restos do fim.** Recife: Edição independente, 1982.
- PEDROSA, Cida. **O cavaleiro da epifania.** Recife: Edição independente, 1986.
- _____. **Cântaro.** Recife: Edição Independente, 2000.
- _____. **Gume.** Recife, Edição independente, 2005.
- _____. **As filhas** de Lilith. Rio de Janeiro: Caliban, 2009.
- _____. **Miúdos.** Recife: Editora edições, 2011.
- PELLIZZI, Héctor. **Por caminhos de pássaros.** Recife: Edição independente, 1981.
- _____. **Pequenos poemas bilíngues.** Recife: Edição independente, 1982.



_____. **Con las ventanas abiertas**. Buenos Aires: Edição do autor, 1985.

_____. **A palavra nua**. Recife: Edição independente, 1991.

Bibliografia específica

BRILHANTE, Bráulio. Apresentação. ap. In: ESPINHARA, Francisco. **Sangue ruim**. Recife: Edição do independente, 2005.

GONÇALVES, Aguinaldo. A lírica sitiada de Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **O lado aberto**. Porto Velho: Edufro, 2004.

LEAL, César. O somatismo de Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **Eczema no Lírico**. Recife: Edição independente, 1985.

_____. O poeta Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **Procissão da palavra**. Recife: Edição Independente, 1986.

MARTINS, Eduardo. A poesia que se vê (ap.). In: PEDROSA, Cida. **Gume**. Recife: Edição independente, 2005.

NETO, Nagib Jorge. **A Literatura em Pernambuco**. Recife: Editora Comunigraf, 2009.

Textos teóricos de caráter geral

BACHERLARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Trad. J. Dufilho e T. Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço & literatura**. São Paulo: Ribeirão Editora, 2007.

CANDIDO, Antônio. A degradação do espaço. In:_____ **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 2004.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1967.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como processo In: **Teoria da literatura**, TODOROV, Tzvetan (Org.). Trad. I. Pascoal. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001, (vol.II).



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor.**

São paulo: Paz e Terra, 2002.

JAUSS. Robert Hans. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Trad. S. tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992.** PINTO, Maria Cecília de Moraes. Charles Baudelaire, poeta da cidade moderna. In: BARBOSA, Sidney (Org.). **Tempo, espaço e utopia nas cidades.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

REIS, Roberto. Cânon. In. JOBIM, José Luis. **Palavras da crítica.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

TODOROV, Tzvetan (Org.). **Teoria da literatura I.** Trad. I. Pascoal. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.